



O NEURÓTICO E A PAIXÃO EM SER INSTRUMENTO

Tayara Barbosa Tomio¹, Gabriela Costa Alves², Rute Grossi-Milani³

¹Psicóloga e Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. tayaratomio@gmail.com

²Psicóloga e Mestranda em Promoção da Saúde, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Bolsista CAPES. psi.gabrielacosta@hotmail.com

³Orientadora, Doutora, Docente no Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde e do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Bolsista do Programa Produtividade em Pesquisa do ICETI – Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação. rutegrossimilani@gmail.com

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre o fenômeno social que está absolutamente integrado e inserido na cultura: o desejo de alienação que se propõe a dispensar qualquer traço de subjetividade. Em 1963, quando Hannah Arendt publicou a obra *Eichmann em Jerusalém*, suas reflexões sobre a banalidade do mal, a capacidade de julgar e a responsabilidade pessoal forneceram uma decisiva contribuição para pensar a relação entre ética e política na contemporaneidade. A pesquisa que sustenta este artigo é bibliográfica, desenvolvida com fundamento em materiais elaborados anteriormente, constituídos de livros e artigos científicos. Assim, reuniu-se arcabouço teórico para subsidiar os elementos de discussão da pesquisa sobre banalidade do mal, subjetividade e instrumentalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Banalidade do mal; Instrumentalidade; Subjetividade.

THE NEUROTIC AND THE PASSION TO BE AN INSTRUMENT

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the social phenomenon that is absolutely integrated and inserted in culture: the desire for alienation that proposes to dispense any trace of subjectivity. In 1963, when Hannah Arendt published the work *Eichmann in Jerusalem*, her reflections on the banality of evil, the ability to judge and personal responsibility provided a decisive contribution to thinking about the relation between ethics and politics in contemporary times. The research that supports this article is bibliographical, developed based on previously elaborated materials, made up of books and scientific articles. Thus, theoretical framework was gathered to subsidize the discussion elements of the research on banality of evil, subjectivity and instrumentality.

KEYWORDS: Banality of evil; Instrumentality; Subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

Em 1963, Hannah Arendt publicou a obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. O que ela pretendia que fosse uma mera exposição do julgamento do nazista Adolf K. Eichmann em Jerusalém, converteu-se em uma imensa controvérsia política e moral, a qual acabou por definir a produção filosófica da autora até sua morte, em 1975. As reflexões de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal, a capacidade de julgar e a responsabilidade pessoal forneceram uma decisiva contribuição para pensar a relação entre ética e política na contemporaneidade.

A banalidade do mal tem a ver com a paixão pela instrumentalidade. O mal se torna banal quando as condições de pensamento se esvaziam e as pessoas deixam de se comprometer com sua capacidade de julgamento, e o sujeito pode perder “alegremente” no meio da massa o seu compromisso ético. O sentimento de pertencimento ao coletivo é o sentimento de não ter que se responsabilizar pelos próprios atos, e surge então a paixão de se dissolver completamente.



Parar de pensar é sempre muito tentador. Uma incessante busca por uma desculpa para fugir da solidão de nossas mentes, que é a condição do diálogo moral de cada um com sua consciência. Os grupos, como o de amigos, família, torcidas, igreja, etc., não nos oferecem apenas ideologias e desculpas, mas sim uma função para cada um de seus membros. Assim, não é necessário decidir sobre a própria vida, mas sim exercer um papel no coletivo.

Dentro desse contexto, questiona-se: por que a ideia de abdicar da própria subjetividade é tão atraente e faz tanto sucesso? Existe uma faceta de nossa humanidade que pretende alienar-se por inteiro no desejo do Outro?

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo, mediante uma revisão da literatura, refletir sobre o fenômeno social que está absolutamente integrado e inserido na cultura: o desejo de alienação que se propõe a dispensar qualquer traço de subjetividade. Desta forma, foi possível reunir arcabouço teórico para subsidiar os elementos de discussão da pesquisa sobre banalidade do mal, subjetividade e instrumentalidade.

Justifica-se a pesquisa quando olhamos para a sociedade atual: regimes autoritários disfarçados, manifestações em massa, discursos de ódio na internet, etc. Com a "banalidade do mal", Arendt se refere às situações em que se relativiza ou contraria os valores éticos e morais e tais ocorrências passam a ser constantes numa determinada sociedade, gerando a percepção que este comportamento foi naturalizado e percebido como algo comum. Neste ponto, as pessoas passam a reproduzir atos reprováveis sem realizar a autocrítica, pois perderam a capacidade de pensar o mundo com o senso de alteridade.

Este artigo científico possui como base a pesquisa bibliográfica, desenvolvida com fundamento em materiais elaborados anteriormente, constituídos de livros e artigos científicos. Tal pesquisa pode ser classificada como teórica e exploratória, pois para Gonçalves (2005), estas classificações estão dedicadas a estudar a teoria se encontrando em uma fase preliminar, possibilitando definição e delineamento. Segundo Gil (2002), parte das pesquisas exploratórias pode ser definida como pesquisa bibliográfica.

Para facilitar a visualização dos levantamentos bibliográficos, foi utilizada a análise de conteúdo, considerada uma técnica para o tratamento de dados que tem por objetivo identificar o que está sendo dito a respeito de determinados temas (VERGARA, 2005).

Num segundo momento discutiremos a leitura psicanalítica de Freud, Lacan e alguns autores contemporâneos no que diz respeito ao conceito da instrumentalidade, para permitir a abordagem clínica deste problema.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.2 O PENSAMENTO DE HANNA ARENDT

Hannah Arendt nasceu no ano de 1906, em Hannover, Alemanha. Em 1924 ingressou na universidade de Marburg, época de especial brilho intelectual da comunidade acadêmica alemã. Lá conheceu Martin Heidegger que a introduziu na dinâmica do pensar como razão de vida e não como atitude de erudição frente aos grandes desafios da existência (SIQUEIRA, 2011).

Em 1951, a autora publica seu livro "As Origens do Totalitarismo", no qual descreve e analisa os dois principais movimentos totalitários do século XX, o nazismo e o stalinismo. Ela encontra as origens destes regimes no imperialismo colonialista e no racismo. Arendt considera a transformação de classes em massas, o papel da propaganda para lidar com o mundo não totalitário e o uso do terror como fatores essenciais para o funcionamento desse tipo de regime. Cerca de dez anos mais tarde ela conheceria Eichmann, e transformaria suas ideias sobre os regimes totalitários.



Eichmann (1906-1962) foi tenente coronel da SS (de Schutzstaffel, 'esquadrões de proteção' ou 'corpos de defesa', organização paramilitar do partido nazista). Eficiente organizador havia sido o responsável pelo gerenciamento e logística da deportação de milhões de pessoas para os campos de extermínio onde foram mortos (LOPES, 2014). Em 1960, enquanto vivia escondido na Argentina, Eichmann foi capturado pelo Mossad israelense e levado a Jerusalém para ser processado. Arendt acompanhou o julgamento como correspondente do jornal estadunidense *The New Yorker* publicando uma série de cinco artigos para a revista, os quais mais tarde dariam origem ao livro "Eichmann em Jerusalém".

Calligaris (2013) afirma que após o julgamento do oficial, a autora passa a defender que as convicções dos funcionários do regime não bastavam para explicar o que os tinha transformado em assassinos genocidas, e o totalitarismo tinha sido possível não graças aos entusiasmos ideais de sua tropa, mas, ao contrário, graças a personagens quaisquer e banais, facilmente dispostos a abdicar sua faculdade de pensar.

Em todos os relatos de Arendt, verificamos uma profunda perplexidade com a forma de Eichmann falar das suas atividades como carrasco nazista. Durante todo o processo, até os dias que antecederam sua morte por enforcamento, demonstra-se como uma pessoa incapaz de exercer a atividade de pensar e elaborar um juízo crítico e reflexivo (ARENDR, 2013). Sua lealdade era tão absoluta que o conduziu a nunca tomar decisões autônomas, pois necessitava executar rigorosamente ordens que lhe fossem dadas, jamais emitindo opiniões pessoais e sempre acolhendo as decisões emanadas de seus superiores.

Hannah Arendt descreveu Eichmann como um homem de mediocridade transparente, que se envaidecia por ter sido protagonista do interrogatório mais longo da história do século XX. O termo "banalidade do mal" foi por ela cunhado, após ouvir do próprio Eichmann, que o cego cumprimento às ordens emitidas por seus superiores poderia ser comparada à obediência de um cadáver (SIQUEIRA, 2011). Sem dúvida o homem era um tolo. O filme de Margarethe von Trotta "Hannah Arendt" apresenta cenas reais do processo onde é possível observar o abismo existente entre a figura do criminoso e a barbárie do crime. Arendt o descreve da seguinte forma:

Ele não era burro. Foi pura irreflexão – algo de maneira alguma idêntico à burrice – que o predispôs a se tornar um dos grandes criminosos desta época. E se isso é 'banal' e até engraçado, se nem com a maior boa vontade do mundo se pode extrair qualquer profundidade diabólica ou demoníaca de Eichmann, isto está longe de se chamar lugar comum [...] (ARENDR, 2013, p. 311).

Lopes (2014) afirma que Eichmann saiu ileso dos exames psiquiátricos e psicológicos aos quais foi submetido na época. Tanto quanto hoje sairia incólume da avaliação pelos critérios de uma CID ou DSM. Julgando seus esforços em ser um excelente funcionário, não temos dúvida de que passaria com facilidade nos demais itens de uma bateria de testes para seleção profissional em uma empresa.

Eichmann jamais matara pessoalmente alguém. Muito menos fora responsável pelos métodos de extermínio ou pelas condições nos campos de concentração. Como acusado desculpava-se:

[...] com base de no fato de ter agido não como homem, mas como mero funcionário cujas funções podiam ter sido facilmente realizadas por outrem, isso equivale a um criminoso que apontasse para as estatísticas do crime – que determinou que tantos crimes por dia fossem cometidos em tal e tal lugar – e que só fez o que era estatisticamente esperado, que foi um mero acidente ele ter feito o que fez e não outra pessoa, uma vez que, no fim das contas, alguém tinha de fazer aquilo (ARENDR, 2013, p. 312).



O que Eichmann estava afirmando, era que o ocorrido era um efeito do desenvolvimento da técnica moderna, ou seja, “a guerra era inevitável porque havia os meios técnicos para fazê-la” (CALLIGARIS, 1991, p. 109). A pergunta que devemos nos fazer é a seguinte: o desenvolvimento técnico por si só, basta para ser alienante?

A autora não acreditava que Eichmann era um grande sádico, que encontrasse uma forma específica de gozo na idéia de que estava produzindo instrumentos para matar. Muito pelo contrário, ele era um ótimo funcionário, metódico, organizado, constituiu uma família e havia sido um aluno mediano. Quando ele defende a idéia de que o que aconteceu foi um mero acidente - “(...) ele ter feito o que fez e não outra pessoa, uma vez que, no fim das contas, alguém tinha de fazer aquilo.” (ARENDDT, 2013, p. 312), está falando num certo sentido a verdade, mas evidentemente não toda a verdade.

O que devemos acrescentar ao discurso de Eichmann e que responde a nossa questão é o seguinte: o triunfo da guerra (da técnica) só ocorre na medida em que os sujeitos funcionem como parte integrante dessa técnica, ou seja, funcionem como instrumentos. Em outras palavras, onde se fala de efeito da técnica, poderíamos falar da paixão humana em sair do sofrimento neurótico banal alienando a própria subjetividade, reduzindo a própria subjetividade a uma instrumentalidade (CALLIGARIS, 1991).

O uso externo da linguagem por Eichmann refletia o que Arendt analisou em seu uso interno. Se considerarmos o pensamento como o diálogo silencioso com nós mesmos, segundo Arendt, a partir das práticas de Sócrates e Platão, diálogo que se dobra sobre a percepção que temos de nós mesmos e nos faz auto-observar, Eichmann era incapaz de pensar (LOPES, 2014). Esse diálogo interior, que no passado remoto foi incorporado a nós, e que hoje se atualiza no diálogo com outros, torna-se muito mais importante que qualquer conceito formal ou operacional de inteligência, pois é uma das coisas que nos torna humanos.

2.2 MONTAGEM PERVERSA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O bebê se constitui como sujeito sempre numa espécie de pergunta para o Grande Outro, que é “O que você quer de mim?”. Essa pergunta contém muitas outras perguntas: O que você quer de mim para que eu seja aquele que te completa?; O que você quer de mim para que eu não tenha angústia das minhas decisões?; O que você quer de mim para eu poder me livrar do duro dever de desejar?

Calligaris (1991) afirma que a questão colocada aos criminosos de guerra dizia a respeito sobre o gozo em matar, ou seja, como alguém poderia gozar matando? O que estamos fazendo nesse sentido é interrogar essas pessoas na linha do que tradicionalmente se chamaria uma perversão, como se a constituição singular dos sujeitos determinasse o fato de que eles acabem sendo criminosos de guerra. E se entendêssemos que o gozo de Eichmann não era matar, mas sim como ele mesmo afirmou, ser um funcionário exemplar, e que para isso, talvez tivesse que matar algumas pessoas.

Freud, em *Psicologia das Massas* (1920-1923), retoma a questão da identificação, como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa, e do importante papel que ela desempenha na pré história do Complexo de Édipo. Ele afirma que a ligação recíproca dos indivíduos da massa é da natureza dessa identificação através de algo afetivo importante em comum, e que é possível supor que esse algo em comum esteja no tipo de ligação com o líder. E que lugar este líder ocupa, senão do Grande Outro a quem o bebê deseja servir?

Para Calligaris “a grande maioria das pessoas que entra num sistema totalitário é tomada em uma montagem perversa” (1986, p. 16). O autor afirma que a formação perversa é o núcleo da nossa vida social e que o neurótico sonha em ser perverso porque a posição



neurótica é muito insatisfatória, e ele (o neurótico) está pronto a aceitar quase tudo para aderir à montagem perversa, para chegar a uma modalidade mais tranquila de gozo.

A consequência dessa montagem é que o sujeito moderno faz sua aposta do lado do objeto e não mais do lado do Outro. Em outras palavras, ele faz uma escolha entre ter ao invés de ser, pois do lado do ser só encontra a incerteza alienante da condição neurótica enquanto que do lado do ter usufrui do conforto de ter respostas certas já que pode haver um saber sabido e compartilhado (QUEIROZ, 2009).

É importante neste ponto retomar o conceito de perversão. Não há como falar de perversão sem fazer referências ao Édipo e à Castração nele implicada, pois, a perversão refere-se a uma identidade sexual, a uma posição do sujeito perante o desejo e a uma escolha de objeto determinadas pela novela edipiana.

Freud, nos Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade (1901-1905), rompe com a concepção de perversão como desvio de norma e apresenta a idéia de uma sexualidade infantil polimorfa e perversa. A perversão então poderia ser compreendida como representando a permanência da sexualidade em moldes infantis, ou seja, uma expressão direta das pulsões, que em razão da ausência ou deficiência das defesas ou do recalque não seria transformada em sintoma neurótico.

Entende-se então, a afirmação de Freud que “a neurose é o negativo da perversão” (FREUD, 1915), pois ali onde a pulsão se realiza no perverso, aparece recalçada no neurótico, produzindo sintomas. A diferença marcante entre os perversos e os neuróticos é que naqueles há uma regressão e uma fixação em estágios libidinais anteriores, não alcançando, portanto, uma organização sexual genital.

O que Freud introduziu foi o conceito da disposição do ser humano à perversão, significando que a sexualidade humana não se molda a condutas fixadas biologicamente, mas se forma marcada por sua condição desnaturada (FLEIG, 2008). Rudge (2005) assinala que no texto de Freud de 1919 ‘Bate-se numa criança’ aparece claramente o fato das perversões serem tomadas como formações defensivas e não mais como aspectos da sexualidade infantil que ludibriaram as defesas. A forma defensiva utilizada na perversão consiste então em desmentir a falta no outro induzindo ao mecanismo de clivagem do eu.

Freud ao tomar a perversão como uma formação de defesa a fim de evitar a angústia de castração, a situa como uma terceira estrutura clínica, ao lado das estruturas neurótica e psicótica. Fleig (2008) ressalta que a estrutura perversa tem o caráter de negar radicalmente a alteridade do outro, principalmente a característica de ser vivo desejante.

O perverso é aquele que sustenta a si mesmo como falo e a mãe como fálica, recusando-se a reconhecer a castração materna. Mas, ele vislumbra o que é a castração, e joga um véu sobre a mesma, pois a vivencia como um dano narcísico insuportável, o que lhe determina o horror à castração (SEQUEIRA, 2009).

Para Freud (1927), o objeto fetiche torna-se substituto do falo da mulher do qual acreditou a criança. Na consciência, o perverso não reconhece que a mulher não tem pênis, e, portanto, não sofre a angústia de castração. No entanto, em seu inconsciente, crê na castração e a renega mediante a equação fetiche-falo, com a qual faz oposição à representação da falta de pênis na mulher. Portanto, a renegação é a defesa utilizada pelo perverso diante da castração.

O desejo é o desejo do Outro e nasce a partir da falta que está representada pelo falo (FLEIG, 2008). A condição de ser faltante leva o sujeito a supor que há algo, ao que Lacan denomina de objeto a, que poderia obturar a sua falta. Seguindo a visão de Lacan observa-se que o perverso, a nível do desejo, está identificado à forma imaginária do falo, constituindo o objeto perdido o fascínio do perverso. Este, por sua vez, está habituado ao modo imperativo e à sedução como formas alternativas de submeter os outros. Busca assim, montar um jogo determinado pelas próprias regras, o que lhe confere uma marca tirânica.



Melman apud Fleig (2008) afirma que a lógica perversa do laço social procura suprimir na relação com o outro tudo que é da ordem da restrição, transformando todas as relações em duais, onde se trata sempre de determinar quem ganha e quem perde. Observamos que é um modo de relação social no qual não há bom senso, uma vez que se explora o que é o gozo de cada um.

2.3 SUBJETIVIDADE E INSTRUMENTALIDADE

A paixão da instrumentalidade é propiciada pela montagem perversa, onde um sujeito se transforma em instrumento de um saber que o leva a praticar uma série de crueldades. O neurótico, através da paixão de ser instrumento de um saber, pode 'optar' por reduzir a sua própria subjetividade a uma instrumentalidade, para encontrar o alívio que a montagem promete. Ao abandonar sua singularidade o sujeito tampona sua falta, sua castração (CALLIGARIS, 1991).

Desejar tornar-se instrumento opera dentro de uma fantasia simples: se me torno objeto, posso ser completo, e se me torno objeto, posso completar a falta do Outro. No Seminário 5, Lacan (1957-1958) introduz o gozo a partir da dialética do amo e do escravo. Ele retoma Hegel para explicar que a condição humana é determinada pela luta de prestígio, que é uma luta mortífera entre o sujeito e o Outro, entre a consciência de si e a consciência do Outro, e formaliza tal questão como o gozo do Outro.

O que é um sujeito? Será alguma coisa que se confunde, pura e simplesmente, com a realidade individual que está diante de seus olhos quando vocês dizem o sujeito? Ou será que, a partir do momento em que vocês o fazem falar, isso implica necessariamente uma outra coisa? (...) quando há um sujeito falante, não há como reduzir a um outro, simplesmente, a questão de suas relações como alguém que fala, mas há sempre um terceiro, o grande Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala (LACAN, 1957-1958, p.186).

Calligaris (1986) associa gozo a saber. Para o autor é a paixão de ser instrumento de um saber que assegura o gozo do Outro, que significa uma recompensa exorbitante: "O gozo era de ser tomado numa montagem, na qual, cada um é, ao mesmo tempo, instrumento e saber, e, numa montagem que nada persegue com o gozo do Outro, senão o seu próprio funcionamento" (1986, p.14-15). De que gozo se trata nessa ordem do saber? O próprio Calligaris responde nossas indagações, explicando que para ser instrumento do saber "precisa-se (...) usurpar o lugar do pai, ou seja, apropriar-se do saber suposto ao pai" (1986, p. 12).

Freud em Totem e Tabu (1912-1914), de forma mítica, aborda a constituição do laço social na horda, nos clãs totêmicos e nos grupos fraternais explicando a origem da sociedade a partir de um ato real, o assassinato do pai e um ato simbólico, a internalização da proibição, conforme leitura lacaniana desse mito.

Em Psicologia das Massas (FREUD, 1920-1923), o autor retoma a discussão da horda primeva apontando que as massas exibem novamente a imagem do indivíduo superforte em meio a um bando de indivíduos iguais. Em outras palavras, as massas parecem uma espécie de revivência dessa horda primeva.

Assim como o homem primevo se acha virtualmente conservado em cada indivíduo, assim também pode ser restabelecida a horda primeva a partir de um ajuntamento humano qualquer; na medida em que os homens são habitualmente governados pela formação de massa, reconhecemos nesta a continuação da horda primeva (FREUD, 1920-1923, p. 85).



Foi por intermédio do mito freudiano do pai da horda primitiva que a Psicanálise pode pensar a questão originária do incesto e da instituição de sua interdição. E por meio do Complexo de Édipo foi possível explicar como se opera o inconsciente, determinante da posição do sujeito com a alteridade e de sua forma de se relacionar com a cultura (RAMIREZ, 2004).

O neurótico é sujeito e deseja graças à referência paterna, por isso mesmo ele é condenado a uma ignorância sobre o que quer e à perplexidade sobre o que fazer (CALLIGARIS, 1991). Sendo impossível chegar a conhecer o saber paterno suposto, a opção é abdicar a própria singularidade de sujeito, construindo de preferência coletivamente, um semblante de saber paterno que por isso mesmo seja sabido e compartilhado (QUEIROZ, 2009).

Quando questionamos se existe uma faceta de nossa humanidade que pretende alienar-se por inteiro no desejo do Outro, a resposta é afirmativa e diz respeito a desejar fazer-se instrumento, fazer-se objeto, recusar aspectos que denotem a própria individualidade, que exponham um desajuste inexpugnável entre eu e o mundo.

Um indivíduo entregue aos efeitos de uma massa talvez dissesse algo como “Que me importa quem sou eu? O importante é que pertenço ao meu grupo!”. Neste caso, de fato, sua subjetividade fica relegada a um mero detalhe descartável. Talvez seja até um entrave, sob a forma de sintoma, que o impeça de conseguir realizar seu desejo absoluto de tornar-se ‘por inteiro’ um instrumento do grupo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender o que é esse desejo de alienação que elimina qualquer traço de subjetividade sob a luz da psicanálise, por meio da teoria freudiana e autores contemporâneos. A literatura estudada revela aspectos do ser humano que escolhe fazer-se objeto do Outro, recusando a própria individualidade.

O conceito de “banalidade do mal” prossegue sendo hoje um dos mais preciosos dos dispositivos que temos para a análise e decifração do mundo contemporâneo. Eichmann não é um monstro enquanto todo o resto de nós somos melhores. Somos mais semelhantes do que gostaríamos de crer. É assim que o mal pode ser banalizado, quando é desempenhado por alguém que goza com a paixão ao cumprimento das regras, mais do que com a maldade gratuita. Eichmann estava muito mais empenhado em seguir com louvor o fluxograma do regime nazista que com as figuras humanas que sofriam seus efeitos.

Entretanto, é imprescindível fazer uma distinção importante: uma coisa é a estrutura psicótica, que não teve acesso à experiência de divisão subjetiva e que, portanto, não tem escolha quanto à sua forma de organização psíquica. O psicótico não escolhe se “quer ser sujeito ou objeto”, ele não tem escolha, ele permanece capturado, na posição de objeto do desejo do Outro; outra coisa, diferente, é a estrutura perversa (ou a neurótica, que está sempre rondando a fantasia perversa), que goza ao ignorar sua subjetividade, mas que existe. O perverso é aquele que “não quer saber nada disso” referente à sua subjetividade, seus furos, sua castração. Goza justamente no seu fingimento, na sua renegação. O neurótico, é aquele que gostaria de poder ser perverso e assim ignorar sua humanidade sem culpa.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.



_____. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CALLIGARIS, Contardo. A sedução totalitária. In: ARAGÃO, L. T. et al. **Clínica do social: ensaios**. São Paulo: Escuta, 1991, p. 105-118.

_____. Meu vizinho genocida. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 julho 2013.

_____. **Perversão: um laço social?** Introdução a uma clínica psicanalítica. Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.

FLEIG, M. **O desejo perverso**. Porto Alegre: CMC, 2008.

FREUD, S. **Ensaio de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1914-1916/2010, V. XII.

_____. **O futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1926-1929/2014, V. XVII.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1920-1923/2011, V. XV.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1901-1905/2016, V. VI.

_____. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1912-1914/2012, V. XI.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LACAN, J. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1957-1958/1999.

LOPES, Anchyses Jobim. Arendt contra Freud: a banalidade do mal contra a radicalidade do mal. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 42, p. 15–30, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000200002>. Acesso em 17 outubro 2017.

QUEIROZ, J. S. C. Mal-estar na modernidade: uma c(l)ínica da razão c(i)nica. In: BERNARDO, K. J. C. (Org.). **Psicanálise e contemporaneidade**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 7-153, 2009.

RAMIREZ, H. H. A. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. **Mental**, Barbacena, v. 2, n. 3, p. 89-105, nov. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 agosto 2017.

RUDGE, A. M. Notas sobre o discurso perverso. **Interações**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 35-44, dez 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 setembro 2017.



SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. Pedro e o Lobo: O Criminoso Perverso e a Perversão Social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25 n. 2, p. 221-228, abr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722009000200010&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 17 outubro 2017.

SIQUEIRA, José Eduardo. Irreflexão e a banalidade do mal no pensamento de Hannah Arendt. **Revista Bioethikos**, Centro Universitário São Camilo, v. 5, n. 4, p. 392-400, 2011. Disponível em <<https://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/89/A5.pdf>>. Acesso em 17 outubro 2017.

TROTTA, Margarethe Von. **Hanna Arendt**. [Filme-vídeo]. Produção de Heimatfilm Gmbh, direção de Margarethe von Trotta. França e Alemanha, 2012, 109 min. color. son.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.